

## **Fotografia esportiva como propulsora da Cultura de paz: perspectivas a partir de registros de competições de Judô**

*Sport photography as a propeller of the Culture of peace:  
perspectives from records of judo competitions*

Claudia Cristiane G. ISHIZAVA<sup>1</sup>  
Adriana Maria DONINI<sup>2</sup>  
Maximiliano Martin VICENTE<sup>3</sup>

### **Resumo**

Neste artigo abordamos o papel que a fotografia esportiva - em especial de registros de imagens de competições de Judô - pode desempenhar na promoção da Cultura de Paz. O estudo contempla análise de fotografias capturadas em competições de abrangência nacional e internacional. Como referenciais teórico-metodológicos incluímos conceitos de Comunicação não violenta e Cultura de Paz; Fotojornalismo e elementos técnicos, com destaque para coberturas esportivas; e histórico e princípios do Judô. A partir das imagens analisadas, constatamos que, na cobertura fotográfica de competições de Judô, aliar preparo técnico à sensibilidade para capturar cenas de atitudes de não violência pode contribuir para impulsionar a Cultura de Paz.

**Palavras-chave:** Comunicação não violenta. Cultura de Paz. Fotografia esportiva. Judô.

### **Abstract**

In this article we discuss the role that sports photography - especially image records of Judo competitions - can play in promoting the Culture of Peace. The study includes the analysis of photographs captured in national and international competitions. As

---

<sup>1</sup> Especialista em Fotografia pela Universidade de Araraquara (Uniará).  
E-mail: cristiane.ishizava@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio, de Mesquita Filho” (Unesp), campus de Bauru. E-mail: dridonini@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Campus de Bauru. E-mail: mm.vicente@unesp.br

theoretical-methodological references we include concepts of Non-Violent Communication and Culture of Peace; Photojournalism and technical elements, with emphasis on sports coverage; and history and principles of Judo. From the images analyzed, we found that in the photographic coverage of Judo competitions, allying technical preparation to sensitivity to capture scenes of attitudes of non-violence can contribute to boost the Culture of Peace.

**Keywords:** nonviolent Communication. Culture of Peace. Sport photography. Judo.

## Introdução

A violência seja física ou emocional tem sido recorrente na sociedade contemporânea e, portanto, foco tradicional de abordagem midiática. Assim, o cenário comunicacional é permeado por imagens que ilustram diversas formas de agressão cotidiana.

O esporte que deveria desempenhar papel de integração e servir de estímulo ao desenvolvimento humano em várias vertentes também tem sido campo de violência, mais publicizada em relação ao futebol e torcedores dentro e fora dos estádios.

As lutas costumam ser vistas como sinônimos de violência, em especial as artes marciais. No entanto, diversas modalidades têm como filosofia o combate a esse fenômeno, estímulo à elevação do caráter e harmonia no convívio social. Estão entre os princípios do Judô, por exemplo, o condicionamento físico associado aos aspectos espiritual e moral.

A fotografia equivale a um processo que inclui a subjetividade e, portanto, intenções de quem registra a imagem que, ao ser “lida” pelo receptor, é passível de múltiplas interpretações. Assim, associado ou não ao verbal, o registro fotográfico pode ser um recurso de estímulo à Comunicação não violenta e a Cultura de Paz. Com isso, é possível desconstruir imagens comumente relacionadas a determinadas práticas esportivas, como é o caso do Judô.

Neste artigo, apresentamos análise de fotografias que procuram traduzir a essência de princípios da fase inicial do Judô e que focam em atitudes não violentas.

## **Comunicação não violenta e perspectiva de Cultura de Paz**

A expressão Comunicação não violenta é atribuída ao psicólogo norte-americano Marshall Rosenberg que a associa ao estado compassivo que integra a natureza humana.

Rosenberg (2006, p. 15) expõe que:

A não violência significa permitirmos que venha à tona aquilo que existe de positivo em nós e que sejamos dominados pelo amor, respeito, compreensão, gratidão, compaixão e preocupação com os outros, em vez de o sermos pelas atitudes egocêntricas, egoístas, gananciosas, odiantas, preconceituosas, suspeitosas e agressivas que costumam dominar nosso pensamento.

Sobre a Comunicação não violenta, Barros e Jalali (2015, p. 7) comentam que:

[...] aborda uma maneira peculiar de se comunicar que prima, inicialmente, de uma escuta atenta sem pré-conceitos, seguida de uma verbalização diferenciada capaz de desenvolver a compaixão entre as pessoas em situações de conflito para evitar a violência. Esse tipo de linguagem é relevante abordar, principalmente, em locais que estão em guerra como perspectiva para a paz, bem como deve ser praticada como prevenção para a discórdia.

Vicente (2015), após fazer revisão de literatura de estudos sobre a paz, apresenta três grandes etapas históricas em relação ao tema. A primeira - que abrange o período de 1930 a 1959 - é caracterizada por uma visão negativa da paz e que reflete a época das guerras mundiais, portanto, a paz equivaleria a uma ausência de guerra. A segunda - que abarca os anos de 1959 a 1990 - constitui-se pela paz positiva, na qual, além de haver ausência de guerras, ocorrem transformações capazes de minimizar as desigualdades sociais. E a terceira, de 1990 à atualidade, que incorpora o conceito de Cultura de Paz como uma alternativa à violência cultural. (p. 276)

Alguns movimentos podem ser considerados marcos na tentativa global de fomentar uma Cultura de Paz e pela não violência. Entre essas ações estão a Conferência de Haia para a Paz, em 1899; a Liga das Nações, que ocorreu em 1919; e a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e de seu braço a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 1945.

Porém, apenas em 1989, ano da queda do Muro de Berlim, é que o termo Cultura de Paz passou a ser utilizado pela Unesco e explicitado em documento internacional resultante da Conferência Internacional sobre a Paz na Mente dos Homens.

O órgão proclamou 2000 como o Ano Internacional da Cultura de Paz e o período de 2001 a 2010, como a Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo.

Em publicação da Unesco de 2010, a Cultura de Paz é apresentada como:

[...] uma cultura baseada em tolerância e solidariedade, uma cultura que respeita todos os direitos individuais, que assegura e sustenta a liberdade de opinião e que se empenha em prevenir conflitos, resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças não militares para a paz e para a segurança, como a exclusão, a pobreza extrema e a degradação ambiental. (p. 11-12)

O documento também destaca que o estabelecimento da Cultura de Paz deve ser colocado em prática por todos, conforme observamos neste trecho:

A elaboração e o estabelecimento de uma cultura de paz requer profunda participação de todos, tendo como pano de fundo de qualquer mobilização a tolerância, a democracia e os direitos humanos – em outras palavras, a observância desses direitos e o respeito pelo próximo, valores caros para a cultura de paz.

[...] A cultura de paz é uma iniciativa de longo prazo que leva em conta os contextos histórico, político, econômico, social e cultural de cada ser humano e sociedade. É necessário aprendê-la, desenvolvê-la e colocá-la em prática no dia a dia familiar, regional ou nacional. (2010, p. 13)

Ainda segundo a publicação, o seu campo de abrangência nas áreas de Educação, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Sociais, Cultura e Comunicação e Informação deve ser um indicativo que, por meio da democratização do conhecimento, a humanidade poderá atingir padrões de convivência humana e de solidariedade. (UNESCO, 2010)

## Aplicação na imprensa

O termo e definição de Jornalismo para a Paz (Peace Journalism) foram desenvolvidos por Johan Galtung durante os anos 1960. Sobre essa prática, Shinar (2008, p. 43) cita que:

O jornalismo voltado para a paz (JP) é uma estratégia que visa à melhoria das representações da mídia, da construção da realidade e da consciência crítica. Ele propõe tratar as histórias em termos mais amplos, mais justos e mais precisos do que aqueles ditados pela cultura e estrutura de índices de audiência e pelos interesses de governos e movimentos.

Ainda quanto a esse tipo de jornalismo, Shinar (2007, p. 2) menciona o seguinte:

Embora o Jornalismo da Paz não signifique necessariamente "boas notícias", ele é concebido como uma forma mais justa de cobrir o conflito, em relação à cobertura usual, e sugere possibilidades de melhorar as atitudes e o desempenho profissional; fortalecer valores humanos, morais e éticos na mídia; ampliar os horizontes acadêmicos e profissionais da mídia; e fornecer melhor serviço público por meio da mídia. (tradução nossa)

O autor, no entanto, explica que a essa vertente são incluídas críticas, entre elas, a questão da objetividade. Assim, embora seja evidente a subjetividade na prática jornalística, é preciso que o retrato de informações que impulsionem a Cultura de Paz seja realizado dentro de critérios jornalísticos e que não encubram a realidade dos fatos.

Como forma de ponderação, Signates (2000, p. 6) comenta que:

Em termos comunicacionais, a questão da paz não pode, portanto, dispensar exigências conflitivas, tais como a de conferir visibilidade à violência social constatada, debater de forma crítica a questão da violência simbólica e localizar a violência real no seu espaço específico, que é o espaço pragmático da vida. A negação dos conflitos de onde emergem a violência efetiva não pode, por razões cognitivas, nem deve, por motivos políticos, ser entendida como favorecimento da busca pela paz. Ao contrário, a paz exige que os conflitos potencialmente violentos se tornem visíveis, exatamente para que outras alternativas conflitivas possam obter a possibilidade política de substituírem as formas violentas decorrentes.

Portanto, conforme apontam Lopes e Palhares (2016): “Assim como a comunicação é capaz de incitar o ódio, disseminando estereótipos e preconceitos, ela também pode fazer crescer a capacidade de convivência entre as pessoas”.

## **Elementos do fotojornalismo – destaque para a cobertura esportiva**

O primeiro registro de um evento fotografado data de 1841 e é atribuído aos irmãos Natterer, que fizeram a captura da imagem em daguerreotipo<sup>4</sup> da procissão do centésimo aniversário do Imperador Joseph II, na cidade de Viena. Eles foram capazes de obter a imagem com um segundo de exposição, permitindo o congelamento do movimento. Esse ato de “congelar” a imagem de um evento ou acontecimento é o que conhecemos hoje como Fotojornalismo.

Um marco dessa área se deu em 1947, logo após a 2ª Guerra Mundial, quando os fotógrafos Henri Cartier-Bresson, Robert Capa, David Seymour e George Rodger criaram a Agência Magnum, primeira empresa de fotojornalismo independente. Dessa maneira, implementaram uma nova forma de fazer e comercializar a fotografia. Assim, a linguagem imagética passou a possibilitar que as pessoas conhecessem outros povos, pessoas, culturas, eventos, etc.

O Fotojornalismo pode ser definido como fotos de reportagem. Monteiro (2016, p. 68) faz a seguinte explicação sobre essa área:

O termo fotojornalismo designa tanto uma função profissional desenvolvida na imprensa quanto um tipo de imagem utilizada por ela. Nesse sentido, ela se distingue da imagem de publicidade que está presente na imprensa, pois não compartilha os mesmos valores ou ética deontológica de compromisso com a verdade.

Uma característica peculiar do fotojornalismo é “o instante decisivo” expressão criada por Henri Cartier-Bresson tendo por base foto de Martin Munkacsy feita no Congo, em 1930, e publicada na revista Photographies, no ano seguinte. A imagem mostra crianças correndo em direção ao mar. Bresson apresenta “o instante decisivo” como o momento

---

<sup>4</sup> Primeiro equipamento fotográfico fabricado em escala comercial. Criado em 1837 por Louis Jacques Mandé Daguerre.

exato da captura da imagem, no qual, segundo ele, se alinham a cabeça, o olho e o coração.

Sobre esse elemento, Zanon e Sabbag (2017, p. 699) comentam que:

O termo “O instante decisivo” representa o momento exato em que a imagem se transforma em uma portadora da linguagem com toda sua plenitude. Algo que representa não somente a beleza plástica da foto, mas sim, o que traz consigo a representação metalinguística da cena. A fotografia conversa com o artista da mesma forma que sua representação conversa com o expectador, dando uma continuidade no sentido através daquela fração de segundos. Caso escape o momento, este não pode mais ser capturado sob essa tradução. Tradução daquilo que sentimos e algumas vezes não conseguimos representar através do uso de palavras, mas sim através do olhar e do sentido.

Mesmo com todas as inovações das câmeras digitais, como a possibilidade de obter cinco a 10 fotos sequenciais em fração de segundos, o momento de captura da foto exige muita técnica. Para um trabalho satisfatório, fotógrafo e repórter devem estar sempre em consonância, uma vez que as ações de ambos, em geral, se completam. É essencial e imprescindível o fotógrafo ter o conhecimento do assunto que ele irá registrar. O profissional deve se preparar para ir a campo com a escolha de suas lentes, revisar todos os seus materiais e ter o posicionamento correto no local do evento.

Uma das vertentes do Fotojornalismo é a cobertura esportiva. No caso de se fotografar o esporte, o espaço para que se possa compor uma imagem é muito pequeno. As principais características das fotografias esportivas são: ação, velocidade e dinamismo. O que conta na execução do trabalho é a atenção, qualidade dos equipamentos e excelente técnica do profissional. Cabe aos fotógrafos esportistas capturarem todas as expressões decorrentes do esforço contínuo de cada atleta.

“O instante decisivo”, nesse caso, poderá ocorrer mesmo antes do jogo ou evento começar, por este motivo, é de extrema importância que o profissional se familiarize com o local e com todos os envolvidos, desde os atletas até os torcedores da arquibancada, pois ele precisará ter a capacidade de capturar quaisquer instantes únicos proporcionados pelo esporte. Logo após essa percepção, o profissional consegue configurar a velocidade, abertura e o foco do equipamento e ter em mente os recursos possíveis para um ótimo desempenho.

Sobre esse aspecto, Gonzalez (2010, p. 19) destaca que:

A velocidade, a abertura e, especialmente o foco, devem ser resolvidos no "momento decisivo", a partir de uma leitura prévia de luz do ambiente onde acontece a competição. A expressão do atleta, a composição dos elementos, as regras básicas - aquelas mesmas que existem para serem quebradas – o enquadramento perfeito, enfim, a plasticidade da imagem final é pura intuição, observação, olhar - individualidades capazes de diferenciar um grande fotógrafo de esportes.

Mota e Menicucci (2017) retomam ideia de Boris Kossoy sobre o fato de que a fotografia com finalidade informativa contempla questões técnicas e opções do fotógrafo, ou seja, escolhas material e imaterial.

Quanto a esses elementos os autores mencionam que:

As escolhas de ordem imaterial são aquelas motivadas por filtros individuais, vivências e experiências do fotógrafo e/ou assuntos definidos em uma pauta jornalística de cobertura. A partir dessas escolhas – e reforçando o conceito abordado anteriormente de que a fotografia é um traço de uma realidade – vemos a imagem como resultado de uma série de ações técnicas e teóricas que levam ao produto final. (2017, p. 3)

Assim, aliando a técnica do profissional, contextualização da situação retratada e subjetividade do fotógrafo, é possível que haja um direcionamento para cenas que fujam ao tradicional - no caso do Judô, por exemplo, à mera representação de atrito ou de um atleta caído e outro comemorando - e que os registros capturem elementos de não violência e contribuam para estimular a Cultura de Paz.

## **Histórico e princípios do Judô**

O Judô foi criado em 1882 por Jigoro Kano a partir do Ju-jutsu. A intenção de seu idealizador foi que essa prática esportiva fortalecesse o físico, a mente e o espírito de forma integrada e que a modalidade fosse acessível a pessoas de diferentes faixas etárias e portes físicos.

No Brasil, o início do Judô é atribuído tanto à chegada dos mestres e lutadores que eram alunos de Jigoro Kano como à imigração japonesa. Em 1938, um grupo liderado pelo professor Riuzo Ogawa fundou a Academia

Ogawa iniciando a aprendizagem dessa modalidade. Em 1964, esse esporte passou a integrar as competições olímpicas nos Jogos de Tóquio, ampliando sua popularização.

Quanto ao código moral do Judô preconizado por Kano incluem-se cortesia, coragem, honestidade, honra, modéstia, respeito, autocontrole e amizade. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2018)

Virgílio (1986) salienta nove princípios da prática do Judô: “Conhecer-se é dominar-se, e dominar-se é triunfar”; “Quem teme perder já está vencido”; “Somente se aproxima da perfeição quem a procura com constância, sabedoria e, sobretudo, humildade”; “Quando verificares, com tristeza, que nada sabes, terás feito teu primeiro progresso no aprendizado”; “Nunca te orgulhes de haver vencido um adversário, quem vencestes hoje poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que pendura é a que se conquista sobre a própria ignorância”; “O judoca não se aperfeiçoa para lutar, luta para se aperfeiçoar”; “O judoca é o que possui inteligência para compreender aquilo que lhe ensinam e paciência para ensinar o que aprendeu aos seus companheiros”; “Saber cada dia um pouco mais, utilizando o saber para o bem. É o caminho do verdadeiro judoca”; “Praticar o Judô é educar a mente a pensar com velocidade e exatidão, bem como ensinar o corpo a obedecer corretamente. O corpo é uma arma cuja eficiência depende da precisão com que se usa a inteligência”.

Enquanto prática que estimule a não violência, Camargo (2016, p. 103) considera que:

O Judô, neste sentido de cultura de paz, deve ser aplicado como disseminado por Jigoro Kano, obedecendo as suas questões filosóficas e comportamentais, deixando de lado a preocupação demasiada com as competições. O Judô deve ser desenvolvido na faixa etária mais baixa (crianças) com caráter lúdico e formador, fazendo da sua prática algo prazeroso e acolhedor.

Desde 2013, a Organização das Nações Unidas (ONU) proclamou 6 de abril como o Dia Internacional do Esporte para o Desenvolvimento e pela Paz. O objetivo da data é celebrar a contribuição dos esportes e atividades físicas para a educação, desenvolvimento humano e estilo de vida mais saudável, além de reconhecer o papel desses na integração de povos de diferentes línguas e culturas. Em 2015, a CBJ aproveitou a data para promover uma campanha virtual intitulada “Judô e Paz: mostre o cartão branco pela paz”.

## Análises

As análises de imagens com conotação de não violência têm como metodologia estudo de casos e referenciais teóricos relativos à Comunicação não violenta, tipos de manifestação da paz, filosofia do Judô e cobertura fotográfica esportiva.

### 1º caso - Meeting Nacional de Base Sub 18 e Sub 21 promovido pela Confederação Brasileira de Judô

**Figura 1** – Imagens registram Diego Cruz (judoca de azul) durante atitude de auxílio e consolo a Mike Pinheiro. Foto: Cristiane Ishizava



Fonte: Federação Internacional de Judô

As fotos compõem cobertura fotográfica realizada durante o Meeting Nacional de Base Sub 18 e Sub 21, campeonato de Judô que ocorreu no Rio de Janeiro em 4 de fevereiro de 2018 e foi promovido pela CBJ. Nesta competição, o judoca Mike Pinheiro, de São Paulo, venceu Diego Cruz, do Rio de Janeiro. Na ocasião, Cruz machucou o braço.

Na imagem do lado esquerdo, Pinheiro foi clicado arrumando o cinturão de seu adversário. Essa atitude foi aplaudida pelo público que compareceu ao ginásio. Já na foto do lado direito, ele demonstra consolo em relação ao oponente.

Quanto à ação fotográfica, esse recorte imagético da competição ilustrou algo inesperado e que cedeu espaço aos lances mais comumente registrados como da derrota de um esportista, expressão fisionômica de conquista do adversário ou da aplicação das técnicas da modalidade.

Como não costuma ser um enredo tão comum, este caso mostra a importância de o repórter fotográfico estar preparado para “o instante decisivo”, que mencionamos anteriormente, e de ter uma bagagem para contextualizar situações e registrar cenas menos convencionais, mas que expressam atitudes humanas e servem para fomentar a não violência.

As imagens também demonstram cortesia, respeito e amizade, que estão incluídas na essência do Judô idealizado por seu criador Jigoro Kano e não deveriam ser elementos de cenas diferenciadas, mas que, com o caráter competitivo da prática esportiva, passaram a se distanciar desses princípios. Nota-se que nas imagens prevalece a Cultura de Paz em detrimento à violência cultural.

É importante frisarmos que o repórter fotográfico nem sempre se aprofunda em considerações estéticas, pois o seu objetivo é comunicar informações e transmitir imagens informativas. Para tal, o profissional precisa estar atento aos fatos a sua volta e ter domínio no assunto a ser registrado.

Neste caso para a obtenção das emoções dos atletas em determinados momentos da competição, além do fotojornalista estar portando um bom equipamento, é necessário que a atenção deste esteja totalmente voltada para a(s) ação(es) do(s) atleta(s) que serão fotografados.

Para eternizar sentimentos, faz-se necessário amplo conhecimento do profissional sobre a modalidade esportiva e suas regras porque assim o fotógrafo é capaz de identificar o golpe e perceber que a luta está finalizada antes mesmo de o árbitro apontar para o desfecho, o que lhe permitirá focar nos rostos e nos detalhes das emoções de cada atleta.

## 2º caso - Campeonato Mundial de Judô realizado em 2013 no Rio de Janeiro

**Figura 2** - Teddy Riner ergue o braço de Rafael Silva após derrotá-lo



**Fonte:** Cristiane Ishizava

**Figura 3** – Outro ângulo da atitude demonstrada por Teddy Riner



**Fonte:** Cristiane Ishizava

A disputa final da edição de 2013 do Campeonato Mundial de Judô categoria +100 Kg masculino foi realizada no Maracanãzinho, Rio de Janeiro, no dia 31 de agosto de 2013. Naquele evento, o francês Teddy Riner derrotou o brasileiro Rafael Silva “Baby” e tornou-se hexacampeão diante de grande torcida brasileira. Silva foi vaiado pelo público e, cabisbaixo, teve seu braço erguido por Riner, o qual pediu à plateia que

demonstrasse carinho ao brasileiro. Os presentes, então, se levantaram e começaram a aplaudir os dois atletas.

Nesse caso, o encerramento da competição trouxe um elemento diferente para ser incluído nas reportagens. Embora a vitória do francês fosse algo previsto de certa maneira - considerando sua trajetória de títulos - esse desfecho incorporou elemento que jornalistas e fotógrafos que souberam explorar o momento tiveram a oportunidade de contemplar em seus registros. Esta foi mais uma possibilidade de impulsionar a Cultura de Paz, sem um direcionamento apenas para a positividade, conforme críticas que são atribuídas ao Jornalismo para a Paz.

Este episódio também foi destaque em reportagem publicada pelo Globo Esporte no portal G1 <http://globoesporte.globo.com/judo/noticia/2013/08/baby-nao-resiste-fica-com-prata-e-gigante-frances-leva-o-hexa-mundial.html>. O princípio “Nunca te orgulhes de haver vencido um adversário, quem vencestes hoje poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que pendura é a que se conquista sobre a própria ignorância”, citado por Virgílio (1986), também pode ser associado a esta imagem.

Como premissas do Judô, pode-se destacar o autocontrole do derrotado e a modéstia e amizade do vencedor. Identifica-se, nessa situação - embora a imagem não seja mostrada nessa foto - a paz negativa, quando a torcida vaia o judoca brasileiro, demonstrando violência moral; a paz positiva; e a Cultura de Paz – esta sim explorada no registo fotográfico - em detrimento à violência cultural que costuma ocorrer em atividades que envolvem disputas.

### 3º caso - Campeonato Brasileiro sub 18, realizado em Lauro de Freitas, na Bahia

Figura 4 – Bernardo Welter amarra a faixa de seu oponente



Fonte: Revista Budô

**Figura 5** - Bernardo Welter abraça Lucas Cardoso após derrotá-lo



**Fonte:** Revista Budô

Esses registros foram feitos durante Campeonato Brasileiro sub 18, realizado em Lauro de Freitas, na Bahia, em junho de 2018, e publicados na reportagem “O fair play, o judô e o Jita Kyoei”, da Revista Budô (<http://revistabudo.com.br/o-fair-play-o-judo-e-o-jita-kyoei/>). Assim, as imagens ilustram a prática fair play, ou seja, ética na prática esportiva.

Na competição retratada, o judoca Lucas Cardoso, da Bahia, acabou se ferindo após golpe de seu oponente, Bernardo Welter, do Rio de Janeiro. Ao perceber a dificuldade de Cardoso, Welter o auxiliou amarrando a sua faixa.

Ao término da competição, antes de o árbitro indicar Welter como vencedor, ele abraçou seu adversário. Segundo disse o judoca em entrevista à Revista Budô, apesar de ser a sua primeira vitória em campeonato nacional, ele precisava ser solidário com o outro atleta. Assim, como no caso anterior, esse ato pode ser associado à questão de o vencedor não deixar-se guiar pelo orgulho, apontado por Virgílio (1986).

Para compor em imagens essa competição, o repórter fotográfico precisou estar preparado para captar os gestos. No caso da primeira foto, percebe-se que o disparo abrangeu a cena em geral (sem contemplar expressões fisionômicas, por exemplo) que não poderia ser perdida em detrimento de se buscar melhor qualidade fotográfica, escolha de ângulo mais adequado.

A solidariedade, um dos elementos da Cultura de Paz, foi uma das mensagens dessas fotos. Podem ser identificados os princípios da modéstia, respeito e amizade pensados por Jigoro Kano.

## **Considerações finais**

O Judô, prática esportiva iniciada no Brasil na década de 1930, tem se popularizado ao longo dos anos, seja por meio de competições de âmbito global ou adoção dessa modalidade em projetos sociais. Assim, a cobertura jornalística desse esporte tem se ampliado.

No entanto - apesar dos princípios idealizados pelo precursor do Judô, Jigoro Kano como cortesia, coragem, honestidade, honra, modéstia, respeito, autocontrole e amizade - as cenas mais comuns que o público em geral se depara ao ler um jornal, acompanhar uma revista, acessar um site ou rede social e assistir a uma reportagem televisiva que enfoca essa modalidade estão relacionadas à disputa, confronto. A competitividade também corrobora para que esse tipo de imagem se torne mais regular.

Assim, as cenas destacadas podem fazer com que os receptores, em especial, os que não têm conhecimento aprofundado em Judô, o associem à violência. Para captar elementos que integram a filosofia do esporte e podem se manifestar nas competições, o repórter fotográfico deve estar atento e ter um olhar para registrar ações diferenciadas e, algumas vezes, inesperadas.

Apesar de a violência ser bastante explorada pela mídia, o Jornalismo para a Paz, apresentado por Shinar (2007) como uma maneira mais justa de cobrir conflitos e fortalecer valores humanos, morais e éticos, pode contribuir para que novos ângulos sejam evidenciados. Nos três casos apresentados neste artigo, identificamos que aliar preparo técnico à sensibilidade para capturar atitudes contribui para impulsionar a Cultura de Paz.

No primeiro deles um dos competidores foi clicado arrumando o cinturão de seu adversário e demonstrando consolo em relação ao oponente. Associando a elementos da filosofia do Judô as cenas evidenciaram o respeito e amizade presentes na essência desse esporte. Nas fotos, prevalece a Cultura de Paz em detrimento à violência cultural.

No segundo caso - referente a Campeonato Mundial de Judô de 2013 - o atleta brasileiro perdeu a disputa em seu país e o público reagiu à derrota por meio de vaias. O oponente, no entanto, ergueu o braço do derrotado, provocando alteração no comportamento da plateia que apaludiu o gesto. O princípio “Nunca te orgulhes de haver vencido um adversário, quem vencestes hoje poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que pendura é a que se conquista sobre a própria ignorância”, citado por Virgílio (1986), se sobressai nesta imagem.

Na terceira análise que apresentamos, um dos judocas acabou se ferindo após um golpe e o adversário o auxiliou amarrando sua faixa. No final da competição, o vencedor abraçou seu oponente. Esses momentos presentes nessa competição e nos exemplos anteriores demonstram a importância do “instante decisivo” exposto por Henri Cartier-Bresson, ou seja, de o repórter fotográfico estar atento aos lances e de se sensibilizar para capturar ações como essas.

Concluimos, portanto, que ao optar por retratar e publicar registros como os analisados neste artigo, os meios de comunicação podem contribuir para fomentar a não violência, desconstruir ideias presentes no senso comum e expor princípios da prática esportiva.

## Referências

BARROS, Ida Lima, JALALI, Vahideh Rabban. Comunicação não-violenta como perspectiva para a paz. *In: Ideias & Inovação*. Aracaju. V. 2 N.3 p. 67-76. setembro 2015. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/ideiaseinovacao/article/view/2729>>. Acesso em 14 jul. 2018.

CAMARGO, Marcos Paulo Q. da Silva. **O judô na formação de uma cultura de paz**. Dissertação (Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração. Instituto de Educação. Lisboa, 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **História do Judô**. Disponível em: <[http://www.cbj.com.br/historia\\_do\\_judo/](http://www.cbj.com.br/historia_do_judo/)>. Acesso em: 15 jul. 2018.

GONZALEZ, Ivo. **Fotografia de Esportes**. Editora Photos, Rio de Janeiro, 2010.

MONTEIRO, Charles. História e Fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. *In: Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 64 - 89. jan./abr. 2016.

LOPES, Felipe Tavares P, PALHARES, Marcelo Fadori S. O papel dos meios de comunicação na construção da paz no futebol. *In: Revista ALTERJOR*. São Paulo, v. 1 Edição 13 Janeiro-Junho de 2016.

MOTA, LUANA; MENICUCCI FELIPE. A Fotografia como ferramenta para abordar a questão da violência doméstica por meio do ensaio fotográfico Estilhaços. *In: XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*. Volta Redonda - RJ – 22 a 24/06/2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Cultura de paz**: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo. – Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. Tradução de Mário Vilela. 3. ed. São Paulo: Editora Ágora, 2006.

SHINAR, Dov. Epilogue: Peace Journalism: the State of the Art. **Conflict & Communication online**, vol. 6, n. 1, 2007. Disponível em: <[http://www.cco.regeneration.de/2007\\_1/pdf/shinar\\_2007.pdf](http://www.cco.regeneration.de/2007_1/pdf/shinar_2007.pdf)>. Acesso em: 16 jul. 2018.

SHINAR, Dov. Mídia democrática e jornalismo voltado para a paz. *In: Líbero* - Ano XI - nº 21 - Jun 2008. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/M%C3%ADdia-democr%C3%A1tica-e-jornalismo.pdf>> Acesso em: 17 jul. 2018

SIGNATES, Luiz. **Comunicação e paz**. Disponível em: <[http://www.adepe.com.br/alteridade\\_art004.html](http://www.adepe.com.br/alteridade_art004.html)>. Acesso em: 15 jul. 2018.

VICENTE, Maximiliano Martín. Comunicación y Paz Activa: un diálogo posible. **Intercom** (São Paulo. Online), v. 38, p. 275-292, 2015.

VIRGÍLIO, Stanlei. **A arte do Judô**. Campinas: Papirus, 1986.

ZANON, Welington Rodrigo; SABBAG, Deise Maria Antonio. O instante decisivo de Henri Cartier-Bresson e a indexação: um estudo exploratório. *In: Revista Digital Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Campinas, SP. v. 15 n.3 p.693-714 set./dez. 2017.